

OFICINA “IA & MEMÓRIA” DO MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO

CAMILA DE MACEDO SOARES SILVEIRA¹; MARIANA BRAUNER LOBATO²;
DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA³

¹Universidade Federal de Pelotas – camila.macedo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – marianabl1897@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danielmvsouza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os temas discutidos durante o desenvolvimento e execução da oficina “IA & Memória: Inteligência Artificial é Patrimônio?” promovida pelo Museu Diários do Isolamento (MuDI), Projeto de Extensão vinculado ao NEMuCS – Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade, do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Pelotas. A oficina, realizada no dia 12 de agosto de 2025, integrou parte da programação de atividades realizadas no Dia Estadual do Patrimônio Cultural RS, promovido pela Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul.

O Museu Diários do Isolamento é um museu virtual criado durante a pandemia de COVID-19, reunindo experiências e reflexões sobre o período do isolamento social e seus desdobramentos. Hoje, o Museu amplia seu olhar para outras temáticas relacionadas à memória, ciência e sociedade, abordando questões como os direitos e culturas indígenas, as enchentes de maio de 2024, o combate às fake news, campanhas de vacinação, entre outros temas contemporâneos.

A Inteligência Artificial (IA) já faz parte do cotidiano de milhões de pessoas, muitas vezes de forma invisível. Desde assistentes virtuais até algoritmos de recomendação e plataformas de produção textual ou imagética, estamos rodeados por tecnologias que aprendem com nossos dados, escolhas e memórias. Neste contexto, refletir criticamente sobre os usos da IA é essencial, sobretudo em uma sociedade que constrói seu patrimônio cultural cada vez mais em ambientes digitais. Portanto, esta oficina propõe as seguintes reflexões: o que a IA aprende sobre nós? Como utilizá-la de forma ética, inteligente e sensível? E, afinal, a IA pode ser considerada uma ferramenta de preservação do patrimônio cultural?

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a escrita deste trabalho e para a investigação e construção da oficina se apoia em uma base qualitativa, pesquisando autores como Walter Benjamin, Pierre Nora, Marcelo Augusto Graglia e Patrícia Huelsen. A oficina adotou, também, uma metodologia qualitativa, de caráter crítico-reflexivo e dialógico, estruturada em exposições teóricas e roda de conversa com os participantes. Assim, estimulando a construção coletiva de sentidos acerca das relações entre inteligência artificial, memória, ética profissional e patrimônio cultural. Dessa forma, buscou-se não apenas a transmissão de conhecimento, mas a produção compartilhada de reflexões, promovendo a participação ativa do público como parte fundamental do processo formativo.

O desenvolvimento da oficina buscou promover uma relação dialógica com a sociedade, envolvendo estudantes de graduação e pós-graduação do MuDI na

mediação e no registro das atividades, fortalecendo a articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. A participação de especialistas das diferentes áreas em foco, ampliou o diálogo multifacetado e possibilitou reflexões mais aprofundadas. A avaliação ocorreu de forma processual, considerando o engajamento e as contribuições do público, o que reforçou o caráter crítico e colaborativo da ação.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O encontro, que favoreceu a troca interdisciplinar a respeito da Inteligência Artificial e suas consequentes implicações sociais, éticas e patrimoniais, reuniu estudantes, professores e outros membros da comunidade. Os relatos dos convidados foram fundamentais para ampliar os horizontes da discussão e promover impactos tanto na formação acadêmica dos estudantes envolvidos quanto na sensibilização do público participante.

A fala de Carlos Augusto Calage, graduado e mestrando em Ciência da Computação, trouxe uma abordagem técnica e aplicada sobre a Inteligência Artificial, especialmente no campo do Processamento de Linguagem Natural (PLN). Sua experiência como pesquisador e integrante do projeto Hub de Inovação em Inteligência Artificial (H2IA) permitiu contextualizar a IA não apenas em termos de desenvolvimento tecnológico, mas também como ferramenta de inovação regional. Essa contribuição despertou nos participantes reflexões acerca do uso responsável e crítico da IA, ao mesmo tempo em que evidenciou a relevância da interdisciplinaridade para pensar os impactos sociais de tal tecnologia.

A contribuição do museólogo doutorando em Sociologia, Matheus Cruz, por sua vez, trouxe o olhar das ciências humanas e sociais, abordando as relações entre memória, patrimônio e os desafios da cultura digital. Sua atuação como museólogo e gestor de extensão possibilitou relacionar a discussão sobre Inteligência Artificial às práticas de preservação e difusão do patrimônio cultural, bem como às políticas de extensão universitária. A fala evidenciou a importância de considerar os aspectos éticos, sociais e institucionais diante da incorporação de novas tecnologias.

A partir dos pontos suscitados por Matheus, fomentou-se uma reflexão crítica sobre as disputas em torno da memória no contexto contemporâneo, articulando diferentes referenciais teóricos com sua experiência de pesquisa e atuação profissional. Partindo da pergunta “quem decide o que iremos lembrar?”, destacou que a memória não é um campo neutro, mas atravessado por forças políticas, econômicas e sociais. Nesse sentido, chamou atenção para o papel do mercado e dos algoritmos na determinação do que é lembrado ou esquecido em nossa sociedade.

Tal debate levou os participantes a refletirem sobre o modo como a inteligência artificial assume, ao mesmo tempo, o papel de memória e de história, porém subordinada a uma lógica de plausibilidade e rentabilidade. Nesse sentido, compreende-se a memória não como um simples registro do passado, mas como um campo de disputas, atravessado por interesses sociais, políticos e econômicos. Além disso, a oficina possibilitou problematizar o impacto das tecnologias digitais na construção da memória coletiva, evidenciando que aquilo que circula e permanece acessível não decorre apenas da experiência humana, mas também de escolhas orientadas por algoritmos e pelo mercado.

4. CONSIDERAÇÕES

A oficina “IA & Memória: Inteligência Artificial é Patrimônio?” demonstrou a relevância de promover espaços de diálogo crítico-reflexivo entre universidade e sociedade, articulando saberes acadêmicos, tecnológicos e sociais em torno de um tema atual. O encontro possibilitou ampliar o debate sobre a relação entre memória, patrimônio e inteligência artificial, destacando tensões e possibilidades que emergem da interação entre inovação tecnológica e processos de construção de memória coletiva.

Do ponto de vista universitário, a atividade se apresentou como uma oportunidade de aproximação de diferentes áreas de estudo dentro da universidade, permitindo a troca de experiências e a reflexão sobre como os algoritmos, o mercado e as novas mídias influenciam diretamente o modo como lembramos e esquecemos. Ainda, reforçou-se a importância da extensão como espaço formativo, no qual os participantes puderam desenvolver competências críticas, metodológicas e éticas, articulando ensino, pesquisa e prática extensionista. Assim, a oficina reafirma o papel da extensão universitária como prática social transformadora, capaz de aproximar diferentes setores da sociedade e de problematizar questões contemporâneas que atravessam tanto a esfera acadêmica quanto a vida cotidiana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. 1975.

GRAGLIA, M.A.V.; HUELSEN, P.G. Novas tecnologias e o uso de inteligência artificial (IA) em museus: atratividade, registro, preservação e disseminação da memória. In: MONTEIRO, A.A.; GOMES, E.S.; AVELINO, Y.D. (Org.) **Tecituras das cidades: História, memória e cultura**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2020.

NORA, P. et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.